

Espectáculo musical Morena flor

Cenário: Uma quartinha com rosas brancas em frente ao palco, fotos e quadros com imagens originais do casal Vinícius de Moraes e Gessy Gesse, um telefone antigo, quadros com fotos do casal, uma mesa perto dos músicos, uma garrafa de uísque e um ornamentos de flores brancas (Oxalá, orixá de Vinícius) e vermelhas (Iansã (orixá de Gesse)). Músicos em cena.

Áudio em off: “Eu preciso falar. Poeta... Queria Te contar sobre o meu encontro com ela. Tantas coincidências... Gessy Gesse. Sua eterna musa. Quem é Gessy Gesse? É a força da natureza. É a poesia. É a Bahia. Um dia estaremos juntos poeta Vinícius de Moraes, eu, você e a sua Morena Flor”.

Entra a música ao vivo: **O VELHO E A FLOR (Vinícius de Moraes)**

Mariana: Eu preciso falar. Eu preciso saber de onde vem. De onde venho. Eu... eu me misturo à ela. Me misturo à ele. Mineira? Baiana? Quem são elas? Quantas? Quantas são as mulheres que habitam em mim? De onde elas chegam? Pra onde elas vão? E quando elas entram em cena? Não importa. O poeta amou todas as mulheres. E como não amar Gessy Gesse? Tive a honra de conhecê-la em Salvador e pude entender os motivos que levaram o poeta a se apaixonar por ela. Minha mãe Baiana. Tantas coincidências me unem a essa história. Mas isso é assunto para outro espetáculo. O que é ser mulher? Pra mim a força feminina é como o movimento do mar. Às vezes destruidora, às vezes pacífica, às vezes serena.

Entra Tamborim

Mulher, substantivo feminino original do latim, que, segundo o dicionário significa “Mulher feita”, companheira conjugal, esposa, amante, concubina. Na tradição, como indivíduo ou coletivamente, representação de um ser sensível, delicado, afetivo, intuitivo; fraco fisicamente e indefeso. (Gargalhada) Será?

Eu, mulher, mãe, solteira, artista, às vezes me pergunto: Qual é o limite da força da feminina? Brigo com Deus, não obtenho respostas. Impostas? Abram as portas da alegoria da alma e gritemos aos quatro cantos, eu posso tudo! A vida nunca foi fácil, mesmo antes de existir... a arte... ó arte! Arde em meu peito, consome em minha alma e coração aquilo que me é substantivo, adjetivo pra viver. Vem... que a vida é breve e antes que eu me entregue, venha... a me possuir!

Entra a música “Carta de amor” de Maria Betânia

Mantém o tamborim, pra mim... pra todos!

Tamborim

É difícil esse corpo habitar essa alma. Nunca fiz teatro pra obter glória, popularidade... O teatro pra mim mais do que um ofício, é um sujeito. Meu companheiro fiel. Meu amante ideal. Leal. Faço teatro porque a realidade é a droga mais forte que existe. O mar me escuta o tempo todo. Eles pensam que a maré vai mas nunca volta. Até agora eles estavam comandando o meu destino e eu fui, fui, fui recuando, recolhendo fúrias. Hoje eu sou onda solta e tão forte quanto eles me imaginam fraca. Quando eles virem invertida a correnteza, quero saber se eles resistem à surpresa, quero ver como que eles reagem à ressaca.

Entra a música CANTO DE IEMANJÁ de Vinícius de Moraes e Baden Powell.

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1913, nascia o mito Marcos Vinícius de Moraes, mais conhecido como Vinícius de Moraes, Vininha, Poetinha, ou apenas, Vinícius. Sua vasta obra passou pelos meandros da literatura, teatro, cinema e música sendo reconhecido e aclamado com excelência em todos os seguimentos propostos.

Rio de Janeiro, 1969. Nasce o amor de Vinícius de Moraes e Gessy Gesse. Apresentados por Maria Betânia em um restaurante, onde o também diplomata Vinícius de Moraes se apresentava. A paixão foi instantânea e imediata. O que segue, é o casamento em um ritual cigano, onde ambos trocam o sangue dos pulsos cortados. Assim nasce o amor consolidado pelo místico. Venho agora, caros espectadores, convidá-los ao passado para reviver essa história de amor. SEJAM BEM VINDOS À CASA DE VINÍCIUS DE MORAES E GESSE GESSY.

Mariana sai de cena e entra Gesse Gessy, a Baiana

–Troca de Roupa – Vestido vermelho –

Gessy em cena: Eu, sou a 2º de 6 filhos biológicos mais um irmão de criação. Quando meu pai conheceu minha mãe ela tinha 4 aninhos. Esperou ela fazer 14 e casou com ela. Pense. Dona Jecelina faleceu com 51 anos. Filha de uma Índia Tupinambá era chamada pelos branco de Dona Mucinha e era tão caridosa quanto minha avó. Isso não posso negar. “Ó pá isso!” Minha vó fazia melaço de mastruz pra curar tuberculose, água de

maxixe pra curar catarata, que tem muito, hoje em dia. Que é o quê? Que dá aonde? Aqui ó, no olho, cinza de carvão pra curar feridas crônicas, que tem muito também, que é aquele machucado que não melhora nunca, num é o que? e usava a flor e o a raiz da planta bem – me- quer no álcool durante três luas enterrada no quintal pra curar reumatismo. Mas não vá fazer isso que isso era coisa de índio. Meu pai, Manuel José de Deus (que é um nome bem português, mas não é, é baiano) também é filho de uma Índia Tupinambá que foi tirada do seu povo com 2 irmãs por uma capataz para serem escravas de um canavial no estado da Bahia. Minha vó, aos 15 anos, estuprada, violentada, dentro de um canavial, morreu de parto sem conhecer o filho. As irmãs foram expulsas do canavial logo depois para que a história não fosse descoberta, mas com a promessa de cuidarem do menino, meu pai faleceu aos 91 anos. O poeta conviveu com os dois na Bahia e os chamava de “Paíño” e “Maínha”. Saudades dos três. Porra...

A BENÇÃO BAHIA – Vinícius de Moraes.

Gessy Gesse: Cresci. Era a mais cismada dos irmãos. Meu 1º amor era quase platônico. Era meu morena lindo, meu nego. E eu, e a nega dele. Ele tinha uns 12 anos e ficava me olhando sempre que eu passava na rua dele com minhas amigas. Até que um dia ele resolveu puxar assunto. Tinha que ser rápido porque a gente tinha muito medo do meu pai. Ah mas que paixão viu?! Rapaiz..Depois de um ano de muito papo é que começamos a andar de mãos dadas até o dia que meu pai nos viu. Neguei até a morte! Mas não tinha jeito. Não adiantou meu pai proibir e entrei pro coral da igreja pra ficar mais perto dele. E de Deus! Mas as freiras descobriram e contaram tudo pro meu pai. Aí lá vai a baiana ser proibida de frequentar o coral. Fiquei pensando em como a gente ia se comunicar à partir dali. Mas ele pensou antes. Minha casa tinha um muro não muito alto. À noite quando a porta estava fechada, ele ia lá no meu muro e colocava uma caixa de fósforos com um bilhete dentro (sempre dizendo que me amava muito, que eu era muito linda, que eu tinha muito charme), e quando amanhecia eu ia correndo pro muro pra buscar o bilhete e deixar outro na caixinha pra ele buscar. Ficamos muito tempo nesse pombo-correio. Esse, era o watsapp poético da época. Não essa palhaçada de hoje que você pergunta se a pessoa te ama e ela te manda um jóia... Falando em zapzap, a outra morena flor, a mineira, falou que deixou uma caixinha de fósforo embaixo de alguma cadeira aí, você podem olhar se tem? Veja aí. Veja aí! Se não tiver ela deixou outra aqui com Alcione... já vou dizendo que isso é coisa da outra... não tenho nada com isso... A gente se gostava tanto que fizemos até um pacto de greve de fome pra ficar

doente, ir pro mesmo hospital e se possível até morrer juntos. Mas não deu certo. Eu comia demais. Até pão duro eu comia de madrugada. Num é o que? Tudo ia muito bem, muito lindo, até o dia da festa de São João. Minha mãe costurava vestidos pra gente usar nas festas de Natal, aniversário, São João e Ano novo. Eu tinha mania de desenhar meus vestidos e aí era só explicar pra mãe como eu queria. “Mãe, eu vou usar um vestido, vermelho e branco, com a saia aqui rodada branca e com pregas no fundo na cor vermelha”. Assim foi. Eu era cheinha, mas tava me sentindo naquela roupa. Pois bem, fui pra festa. Ohômi chegou lentamente perto de mim e disse: “Nega, tú tá parecendo um balão”. Ah... a paixão acabou ali! Eu não sei se o desgraçado queria me elogiar ou acabar com a minha vida. Um amor tão lindo... se findava naquele São João.

Ah poeta... (falar com violão como se fosse Vinícius? Dançar com ele?) Você me chamava de sua Jaguatirica lembra? E o meu lado neta dos índios Tupinambás dizia que andava feito pantera e às vezes como menina. Quando eu prendia o cabelo e ia pra cozinha, ficava me observando... com o seu copo de wísque na mão, como quem acredita ser o próprio alimento. E eu, como boa capricorniana que sou, precisei conhecer a doçura e a força de um libriano pra perceber meus amigos, que a luz precisava da treva. Foi você poeta, você escreveu o poema da luz e treva pra mim. Ah, até agora eu não me apresentei. Essa é a imagem da mulher que o poeta conheceu. Eu sou o passado e o presente. Meu nome?

Entra a música E POR FALAR EM SAUDADE de Vinícius de Moraes.

Já cheguei e estou aqui! Lembro-me como se fosse hoje. Decidi que era hora de conhecer o Rio de Janeiro. Liguei pra Maria Betânia! “Já cheguei estou aqui!” Ah não vou não... Isso é coisa de intelectuais, coisa chata! (Pausa) Eu vou! Betânia me convidou para uma festa em Ipanema onde o poeta “ia botar a mão no cimento” que era uma versão carioca da calçada da fama. Quando cheguei a homenagem já havia acontecido. Ele, que conversava com um casal não tirava os olhos de mim, foi o que vieram me dizer. A última coisa que me passava pela minha cabeça era ser mais uma na vida de um mito. Ele, saudava a distância erguendo o copo de uísque. Essas coisas que homem faz. Não demorou muito Betânia nos apresentou, disse que tinha alguma coisa pra fazer e saiu. Ficamos eu, Phit e Adelson do Prado. Dentro de pouco tempo Phit também levantou, depois Adelson, cada um dando uma desculpa mais deslavada que a outra. Vou ali e volto já. Vou ali e volto já. Tudo combinado, o poeta já tinha armado

tudo! Fiquei sozinha na mesa pois eu não sabia voltar pra casa, já que não conhecia o Rio de Janeiro.

Então ele veio... falei que estava esperando a volta dos meus amigos, mas acabou entregando o jogo. “Eles não vão voltar.” Eu disse: “Como não vão voltar?” “Quem vai te levar pra casa sou eu!” Ahh... comigo não... Olhei firme pro sujeito e pensei comigo: “me comer na tora ele não vai”. Fisicamente eu sou mais eu, eu jogo capoeira. Dou-lhe um rabo de arraia. Na porrada eu ganho. Certeza! Hum... certeza. A sedução do poeta era na base do poema, do lirismo e a sensação foi muito forte. Rapaiz, a vida é ou não é a arte do encontro?

E ainda tem as coincidências da vida... Eu sou atriz e quando eu fiz meu primeiro filme eu estava com 19 anos. Era um filme Francês chamado “Le Saint modic”, O Santo módico, e eu nunca tinha visto esse filme... Não passou aqui no Brasil e a uns meses atrás eu recebi uma ligação da França dizendo que o diretor desse filme tinha morrido e que queriam me entrevistar, perguntar como foram as filmagens desse filme dele e tal taltaltal.. e me trouxeram uma cópia. Quando eu fui ver o filme, a abertura do filme, gente é Berimbau, a música Berimbau de Vinícius e Baden. Então a gente já estava ligado antes de se conhecer... eu tinha 19 anos imagina... eu não sabia quem era o poeta... e depois, eu fiz outro filme, “O sol sobre a lama”, aí sim, ele e Pixinguinha, fizeram a trilha sonora do filme, e a minha personagem, quando aparecia, eles cantavam: “Morena, tem pena, mas ouve o meu lamento...” (cantarolar)... então, outra coincidência do destino. Eu comecei a carreira artística por acaso. Fui convidada pra ser garota propaganda da tv Itapuã e minha primeira experiência foi uma merda. Tinha que fazer propaganda de um espumante que chama ESPUMATE... Me colocaram de frente pra câmera olhando pra uma luz vermelha pra falar o texto que era mais ou menos assim: “Beba espumante. Espumante é mate gaseificado. Como é bom o espumante!” Eu disse tudo certinho, no capricho, mas no final do texto, não prestei atenção se a tal luz vermelha tinha apagado ou não. Aí, quando eu acabei de tomar o tal do espumante, eu fiz o sinal da cruz e disse no ar: “Graças à Deus!”. Aí lascou, era ao vivo! No dia seguinte saiu a nota no jornal: “A nova apresentadora do Espumante é muito católica, ou o produto é muito ruim”. Mas pra minha sorte, a minha reação espontânea ganhou o público e eu fui contratada. Depois disso foram muitos trabalhos no teatro, no cinema... e fiquei apaixonada! Amo minha profissão! Gosto do trabalho, dos meus projetos, minhas palestras, minhas criações. Sou muito agitada! Também pudera, eu sou hiperativa. Nossa menino, meu deu uma tontura aqui agora... Eu sou a Rainha da

labirintite. Direto eu fico tonta. Isso é uma merda... Deve ser por isso que nunca consegui andar de bicicleta. Mas também eu não tenho idade pra andar de bicicleta, nunca andei de bicicleta, não vou aprender. O poeta uma vez comprou uma bicicleta e o caseiro ficava segurando pra eu pedalar. Caía eu e o caseiro. Eu dizia: “Vamos desistir”. Realmente, sei lá. Então chega, desisto, eu não ando de bicicleta, eu não quero bicicleta e pronto acabou! Moto, também não. Eu vou arrumar um Jegue. Não vou carregar muito peso no meu jegue. Posso ir no supermercado, numa farmácia. Então, eu vou fazer é isso. Eu sou ousada! Momento Acarajé. Momento encarte. Momento toalha (A personagem continua falando sozinha enquanto a música vai entrando) **Música Morena Flor.**

Ao contrário do que muita gente pensa, Vinícius era tímido. O uísque ajudava a encarar os shows e as pessoas. Li em algum lugar que o álcool funciona como um colchão de sociabilidade e acho que quem falou isso está certo. Muitas vezes, eu facilitava as coisas pra ele beber, porque percebia a dificuldade dele até no normal, dentro de casa; Não com Dolores ou comigo, que gostávamos dele com ou sem uísque. Dolores foi, definitivamente uma pessoa especial em nossa vida. Dô foi morar na casa da Gávea, no Rio, em 1971 para fazer a comida baiana que tanto me fazia falta. Não aguentava ficar muito tempo sem o dendê, o acarajé, sem a moqueca.

Mas além da comida, quando alguém chegava em nossa casa, ele já convidava para um uisquinho. Quando ia fazer um show que começava às nove da noite, às cinco da tarde ele já abria os trabalhos com a primeira dose. Mas ao mesmo tempo o poeta sempre teve senso de ordem. Adorava medicar as pessoas... tinha prazer nisso e entendia muito de remédio. Dizia sentir-se um médico frustrado. O que, de fato, desejava na vida era ser médico e ator.

Agora teve uma época que Vinícius cismou de fazer uma dieta e emagreceu demais. Eu fiquei preocupada porque ele não usava a porra da cueca, nem a merda do cinto porque dizia que apertava as coisas. E dizia que era aquilo mesmo, que não tinha jeito e tal e tal e tal... E toda vez ele levantava no show eu ficava aflita da calça cair na frente do público porque isso já tinha acontecido num restaurante no Rio. Hum. Vinícius estava tomando todas e mais algumas, no porre mesmo, e perguntei: “Já quer ir meu filho?” E ele: “Não, vamos ficar mais”. E levantou. Quando dei por mim a calça já tava aqui, com nada por baixo, ele andando e a coisa né? Daquele jeito... Pense! Rapaiz... Já me piquei da cadeira, peguei a calça por trás e dei-lhe aquele, sabe como é? Hum... sabe né? Aquele tranco... e ele? Não tava nem aí... Tive que pegar o homem pelo pinto mesmo.

Vinícius era assim... espontâneo demais... Sabia o real valor das coisas... desde a alegria até a tristeza.

Entra SAMBA DA BENÇÃO

Estávamos numa festa, eu, Vinícius e alguns amigos... a festa era chique demais e o poeta fez questão de tomar todas as doses de uísques que os garçons ofereciam e eles estavam adorando servir o ídolo. Quando pensa que não, papo vem papo vai, Vinícius sentiu a bexiga apertando. Eu não sei se foi por preguiça de ir até o toailete, ou por embriaguez, que ele simplesmente me pediu: “Filhinha, arruma uma latinha ou uma panela que eu não toaguentando mais”. Levantei da mesa, muito chique, segui o corredor e achei uma porta aberta. Pra minha sorte, quando entrei, aquilo era uma despensa... O primeiro apetrecho que vi, peguei e coloquei de baixo do braço. Joguei o casaco por cima pra cobrir a vasilha e fui... muito chique. Naquele momento eu tinha duas felicidades: uma que ninguém tinha me flagrado roubando vasilhame. E a segunda, aliviar o meu amor. Cheguei discretamente, sentei e passei aquele objeto por baixo da mesa. Olhei pra ele, e ele lívido..com a calma que só o desespero dá... e a feição ia mudando... as bochechas rosinhas, o olho meio caído de tanto uísque e ali estava o prazer e o alívio em pessoa...Haa... até aí tudo bem.. quando olho em volta, tô vendo o povo se esquivar da mesa... sem mais nem menos... quando olhei para o utensílio eu me lasquei.. a miséria era um corredor de arroz.. só me restava catar meu marido, pedir licença, dar boa noite e me picar...

Menino, mas eu tô contando coisa demais da minha história com o poeta... Se quiser saber compre o livro “Minha vida com o poeta” que tem muito mais... que eu não sou besta, sou Baiana.

Lembrando disso tudo me dá uma saudade... Tenho certeza de que vamos nos rever na eternidade. Disse outro grande poeta, Carlos Drummond de Andrade, em carta enviada à Vinícius: “Ainda não conheci Gesse, mas parece que a conheço há muito tempo, pelo entrosamento de vocês dois”. Para os que ficavam falando e criticando a escolha dele ter deixado o Rio para morar na Bahia comigo, ouvi de sua boca que só tinha a dizer que era feliz, queria ser feliz e estava feliz, ele e a sua mulher.

Entra a música samba de Gesse.

Ficou sempre muito claro o quanto Vinícius se sentia à vontade na Bahia, em sua casa, com gente amiga. Era o homem despido na simplicidade e acho que andava cansado do

mito, do Vinícius no plural, do “mais de um”. Gostava de ver o pôr do sol de Itapuã, tinha essa necessidade, por isso eu brigava, encarava qualquer um pra deixar o poeta quieto, nas suas reflexões. Quem dormiu com ele e ouviu os seus lamentos fui eu. Quem tinha que equilibrar o lado dele, na época, era eu. O poeta tinha uma pureza impressionante, rara, amava os animais, nossa casa era cheia deles. Era uma festa! Amava as crianças, às vezes achava que era uma delas. E era. A relação de Vinícius com meus filhos era a melhor possível. Minha filha Rose, quando era uma menininha, sentia muito medo de dormir sozinha no escuro. Vinícius ia lá, e ficava de mãos dadas com ela cantando até ela dormir.

Entra a música MENININHA

Sim. Ele tinha uma admiração imensa por Mãe Menininha do Gantois. Desde que o levei para conhece-la, a relação entre os dois ganhou força e ficou cada vez mais bonita, e o que Mãe Menininha dizia era Lei. A intimidade e empatia dos dois era impressionante, e foi Mãe Menininha que curou o medo dele de avião. Quando eu conheci o poeta, ele não entrava em avião por nada nesse mundo. Viajar, só de navio ou carro. E quando a gente fazia aquelas viagens longas de navio era aquela aporrinhação. Mas Mãe Menininha, com toda a sua bondade e sabedoria lhe disse: “Olha, meu filho, você é filho de Oxalá e vou lhe dar um conselho: viaje com seus amigos, vá fazer o seu trabalho, vá se divertir. E nunca pense no fim das coisas, pense sempre no começo delas”. Aí ela acabou me dando uma orientação pra preparar, antes das viagens, uns bolos de farinha pra passar no corpo de Vinícius antes de embarcar, jogando-os depois pra trás. Assim eu fiz e aos poucos ele foi adquirindo confiança pra entrar em avião. E a confusão que dava às vezes pra embarcar e desembarcar com esses bolinhos de farinha? Gente da Alfândega chegou a pensar que era droga. O que sei, é que Mãe menininha o considerava um filho querido, amado e de toda a confiança.

Entra a música Meu pai Oxalá

Quem queria bem a Vinícius tinha todo o meu colo, minha aceitação. Mas quando via que era pessoa invejosa e não tinha energia boa aí não tinha jeito, batia comigo de frente! Vinícius pouco percebia da malícia e da negatividade, tinha que ser protegido. Sabe aquele bebê que a gente tem que impedir que ponha na boca o que não presta, a pimenta que pode arder? Pois eu ficava de olho na docilidade dele em fazer as coisas que certas pessoas pediam. Sei lá... “A hora do sim é o descuido do não”, e ele não sabia

dizer não e acreditava em todo mundo, não tinha maldade, não se tocava que alguém tivesse a intenção de se aproveitar. Ele era muito generoso. Ele não precisava dizer o que era, quem era e o que fazia de bom. Ele simplesmente era, é e sempre será.

Entra Canto de Ossanha (primeiro só a parte instrumental) enquanto a personagem diz:

É insuportável a minha saudade de você, ela ainda é muito física porque você está entranhado em mim pelo sangue, pela alma e pelo amor eterno que juramos. Lembra do nosso casamento cigano? Sempre me perguntam: “Você ficou com alguma coisa de Vinícius?” Minha resposta é sempre a mesma: “Fiquei. Fiquei com a coisa mais preciosa. O sangue dele, que cruzou com o meu no pulso no nosso casamento cigano... Essa é a minha herança. Eu vou levar esse sangue até o último dia da minha vida, assim como ele levou o meu. Eu queria era ele vivo. Vivo. Só quem ama sabe renunciar, sem dor, sem trauma. Eu não mudaria nada. O que importa é que foram 7 anos bem vividos e muito bem amados. Nunca fiz a deslumbrada, a musa, eu era de fato, a mulher, a Maria Bonita, a cangaceira ali, ao seu lado, firme e forte, a mulher. É o que eu fui. E seria de novo.

Entra Eu sei que vou te amar.

Quando a música termina, imagem de Gessy Gesse e Mariana em Salvador projetada.

FIM!